

3. Pensamento e reforma islâmica em Hassan al Banna

3.1 O desvelar de um texto histórico

“O objeto é fruto da experiência (a priori). Os objetos, portanto, são fenômenos percebidos pelo intelecto e sujeitos a um delicado processo de interpretação que, por sua vez, é influenciado por fatores sociais, culturais e emocionais”⁶³.

As palavras citadas acima resumiriam a proposta da história intelectual ou das ideias e também indicariam a relevância do ato de interpretação em relação a um dado objeto. Como uma questão central para o trabalho do historiador, em que o olhar interpretativo estaria sujeito ao intelecto do indivíduo, o qual estaria sob a influência de fatores sociais, políticos, econômicos, culturas e emocionais vivenciados e experimentados num determinado tempo e espaço.

Quando um personagem ou agente histórico falava ou escrevia um discurso ou um texto, sua linguagem não era um mero reflexo mecânico da realidade material no qual estava inserido, havia sim, toda uma construção de um pensamento ou pensamentos fundamentados em fatores sociais, políticos e culturais, por quais o agente era influenciado ou possuía interesse e os quais também seriam visíveis ou expressados no campo da linguagem. Esta poderia ser composta por palavras que possuíam diversos significados e os quais poderiam disputar ou não entre si em relação aos significados de crenças, conceitos e ações linguísticas.

Nesse âmbito, alguns intelectuais buscavam formular teorias e métodos que tivessem por objetivo a utilização da história intelectual ou das ideias como uma possível prática de interpretação de textos históricos. Um deles foi o teórico inglês J. G. A Pocock, este propunha compreender os significados atribuídos aos conceitos estudados, por meio do desvelar das diversas camadas de linguagem que

⁶³ Kant, apud. CURY, Augusto. *Em busca do sentido da vida* (romance). São Paulo: Planeta. 2013, p 99.

constituíam os discursos linguísticos, particularmente os políticos, analisando assim os contextos sociais, políticos e linguísticos em questão.

Em outras palavras, são os atos de fala no interior dos jogos de linguagens, em que se procurava analisar suas diversas formas de interação. Conforme as regras de linguagem que compunham o jogo, sendo possível compreender o compartilhamento de vocábulos, imagens, retóricas e pressupostos que formariam os discursos ou textos históricos estudados.

Segundo o argumento de Pocock para compreender os significados de um determinado texto histórico, ou mesmo de um enunciado ou de uma ideia se devia resgatar as intenções do autor no ato da produção da obra, e também reconstruir o contexto das convenções linguísticas disponíveis num determinado tempo histórico. Logo, o texto e contexto seriam inseparáveis e se tornariam compreensíveis apenas por meio de uma análise conjunta, em síntese, o que veio a ser denominado contextualismo linguístico.

Portanto, buscaremos analisar o pensamento de Hassan al Banna, a partir do desvelar das diversas camadas de linguagem que constituíam um discurso ou escrito e de relacionar texto e contexto no momento que se estiver realizando a leitura interpretativa crítica, fundamentando-a basicamente em cinco pontos: a intenção do agente estudado no ato de sua fala ou escrita; as ideologias, as normas e as convenções de linguagem vivenciadas por ele; o contexto político e social onde ele estaria inserido (sociedades particulares em momentos particulares); com quem o agente estudado dialogou e compartilhou ideias, tanto de seus pares quanto de seus críticos e por último para que tipo de público ele procurava falar ou escrever.

Al Banna teve uma trajetória intelectual composta por inúmeras viagens, conferências, encontros islâmicos, reuniões de trabalho e outros projetos. Escreveu textos curtos que formariam basicamente *As epístolas*, estas escritas entre 1936 e 1948. Também produziu alguns artigos escritos entre 1927 e 1948 e

o texto, *Memórias*, que cobriria o período da infância até os anos 1940 e tratava das impressões pessoais de al Banna sobre sua vida intelectual⁶⁴.

Além destes, há as "Lições de terças" dadas por esse pensador islâmico e assistidas por muitas pessoas vindas de todas as partes do território egípcio. Um grande número dessas lições foram transcritas por Ahmad Issa Ashur⁶⁵ e publicadas alguns anos mais tarde⁶⁶. É importante destacarmos, que eram essas transcrições que se tem acesso das obras de al Banna nos dias atuais.

Certa vez, um interlocutor anônimo perguntou a Hassan al Banna por que ele não escrevia livros e ele então respondeu que seu objetivo era antes de tudo formar homens. Segundo o filósofo islâmico Tariq Ramadan essa resposta não é apenas uma simples réplica, é antes de tudo como al Banna concebia o Islam e o ser muçulmano.

Também se tratava de uma maneira dele evitar os debates teóricos e as discussões estéreis que somente levavam as vãs divisões e os embates sem propósito entre os muçulmanos. Para al Banna o Islam possibilitava ao fiel a reflexão, meditação, oração, exigindo, por sua vez, o desenvolvimento de sua espiritualidade e então lhe permitindo estar em harmonia com Deus e também orientar o conjunto de seus pensamentos e ações em direção ao bem e justo.

Nesse sentido, sem debater e nem tagalarar inutilmente, convém entender as modalidades de estar bem com Deus e como isto levava o fiel em direção ao agir bem com os homens, em outras palavras, a boa conduta.

⁶⁴ É importante dizermos que tivemos acesso a alguns trechos desse escrito por meio do livro produzido por Tariq Ramadan e denominado *Aux sources Du renouveau musulman: D'al – Afghânî à Hassan al – Bannâ un siècle de réformisme islamique*. Ver a referência bibliográfica.

⁶⁵ Ahmad Issa Ashur é um intelectual árabe que estuda sobre o Islam e o mundo muçulmano. Publicou especialmente entre em 1960 e 1990.

⁶⁶ Hassan al Banna, *Ahadith ath-thulatha*, textos reunidos por Ahmad Issa Ashur, Maktabat al-Qur'an, Cairo, 1980; Nazarat fil-Qur'an, textos reunidos por Ahmad Issa Ashur, Maktabat al-i'tisam, Cairo, 1979.

3.2 A universalidade e o retorno aos ensinamentos

O conjunto de escritos de Hassan al Banna nos apresenta uma concepção de fé (ایمن – *iman*)⁶⁷ na ação que ele evocava no cerne do termo alcorânico *ar-rabbaniyya* (الربنية)⁶⁸; e também algumas reflexões recorrentes e particularmente desenvolvidas no que diz respeito a universalidade da mensagem alcorânica ou do seu caráter globalizante no sentido em que ela integrava todos os campos da existência humana.

É importante darmos atenção a essas considerações, pois elas nos permitem compreender os pensamentos desse intelectual islâmico, principalmente como reformador religioso.

Hassan al Banna não possuía nenhuma dúvida sobre o fato de que o Alcorão seria portador de uma mensagem universal. Começando pelo primeiro profeta Adão e seus sucessores mais conhecidos, Noé, Salomão, Davi, Jó, José, Abraão, Ismael, Issac, Jacó, Moisés, Jesus e finalizando com Muhammad e a tradição islâmica.

A primeira vista, essa consideração pode parecer insignificante, é, contudo, um dos eixos em torno dos quais se elaborava o conjunto do pensamento de al Banna, que levava, em seu compromisso, a todas as consequências teóricas e práticas.

⁶⁷ Termo na língua árabe que significa confiança ou segurança, em que há uma troca de compromisso e confiabilidade entre o homem e Deus, sendo que o Último deposita a responsabilidade no primeiro. *Al iman* é fundamentada no conceito de *al a'quidah* (العقيدة), ou seja, a convicção resultante do desenvolvimento da espiritualidade individual, a partir do empenho de cada um; e também ocorre a partir de dois pontos principais de ação ou manifestação: coração e corpo. O primeiro é caracterizado pela intenção sincera dada a partir do conhecimento (buscar conhecer Deus) e o segundo é caracterizado pelo ato sincero dado a partir do atuar de acordo com o agrado a Deus, pois aqui, sinceridade e conformidade caminham juntas.

É importante enfatizarmos que esse termo é que irá nortear a conduta do movimento reformador islâmico denominado os Irmãos Muçulmanos e de seu fundador, Hassan al Banna, pois o laço que irá unir seus membros e proporcionar o sentimento de pertencimento entre eles não é de etnia, cor, gênero, grupo ou pátria e sim de fé – caracterizada por princípios islâmicos –. Esta traz consigo não somente a noção de adoração, contudo também de comprometimento do fiel em seguir as proposições oriundas de Deus, há assim, um tom de responsabilidade nessa relação entre homem e Deus.

⁶⁸ Conceito islâmico em língua árabe impreciso de traduzir em um termo, enfim, se trata de ligar o coração do homem à Deus e de atuar pela fonte e pela luz da profundidade dessa ligação.

O caráter universal ou global da mensagem alcorânica seria um fato encerrado na fé para todo muçulmano⁶⁹. Este acreditava no fato que Deus proporcionou aos homens meios para Lhe adorar e de agir de acordo com Suas leis, que preenchiam o homem de serenidade e confiança para enfrentar qualquer adversidade ou obstáculo que venha encontrar. E se o Alcorão é palavra do Criador, e é certamente para o fiel, só poderia então se tratar de uma mensagem universal que cada indivíduo muçulmano carregava junto de si e a qual ele tinha uma responsabilidade maior.

E ainda, se ele estava consciente desse fato, se compreendia, se era dado a ele os meios de se aproximar intimamente dessa verdade, então o fiel não conheceria o desespero e a angústia. Essa mensagem, Hassan al Banna não parava de repetir fosse para explicar a posição do *al Ikhwan al Muslimin* (الأخوان المسلمين), fosse para chamar os muçulmanos (seu principal público alvo), perdidos em seus problemas cotidianos, para essência da mensagem que eles carregavam:

*"Eu amaria que soubesses, caro irmão [...] que nós não estamos desesperados por nós mesmos; ao contrário, nós somos levados por muita esperança e nós pensamos que a única coisa que pode impedir nosso sucesso é essa desesperança. Se a força da esperança reside em nós, então nós conseguiremos grandes realizações, se aprovar a Deus. De fato, nós não estamos desesperados e a desesperança não bateu à porta de nossos corações, Deus seja louvado".*⁷⁰

Nessas palavras, podemos perceber o entendimento do fato que os muçulmanos seriam portadores de uma mensagem que faria surgir na consciência do homem uma inteligência do universal e que a própria apaziguava os corações humanos. E o intelectual islâmico acrescentou:

⁶⁹ É lógico que todo fiel de uma determinada religião atribua à seus preceitos e às suas prescrições um alcance universal.

⁷⁰ AL – BANNA, Hassan. *Nossa mensagem (Da'watuna)*. IN *Six tracts of Hasan al Bana, a selection from the Majmu'at Rasa'il al Iman al Shahid Hasan al Banna, 1906 - 1949* (coletânea de artigos). Kuwait: International Islamic Federation of Student Organizations, 2006, p 29.

"Eu muito questioneei e muito tentei, me envolvi em numerosos círculos e fui testemunha de um grande número de acontecimentos e sai finalmente deste périplo, curto em distância porém longo em suas etapas, com uma convicção que nada pode ser abalado: a felicidade que os homens procuram provém somente de seu íntimo, de seu coração e não pode nascer em outro lugar que não neste coração. A dor na qual se encontram os homens e da qual eles tentam escapar só pode ser alcançado na intimidade e no coração. [...] eu considere isso e considere ao mesmo tempo que não existem instituições ou escolas⁷¹ que ofereçam a felicidade aos corações dos homens, ou que lhes guiem em direção aos caminhos concretos e claramente desenhados desta felicidade, se não for através do islã e da fé natural, clara e prática".⁷²

É possível notarmos que Hassan al Banna expressava aqui uma convicção proveniente de sua fé muçulmana na qual tudo repousa, inclusive sua percepção da humanidade. A universalidade do Islam, mais do que um mero conceito ou uma categoria de espírito, é uma doação de fé, que se nasce com ela e da qual a mensagem, compreendida como uma mensagem da verdade, reconfortaria os corações ao preenche-los com esperança e ao levá-los à ação em testemunhas da humanidade inteira.

Os textos de al Banna que tratariam das referências islâmicas fizeram quase todos menção a essa relação ao universal que convocaria, ao mesmo tempo, *al iman* (ایمن) do crente, sua inteligência e sua consciência. O redespertar islâmico que ele clamava em suas saudações, não seria, em sua essência, uma reação à hegemonia ocidental, por exemplo, mais sim a tomada de consciência presente no coração de cada muçulmano, principalmente como testemunha da mensagem alcorânica diante dos homens. E era isto, que primeiramente devia incentivar sua ação no mundo.

Em outras palavras, a fé e sua prática levava o muçulmano a tomada de consciência de seu papel no mundo, ou de suas responsabilidades e seus direitos perante o seu Criador, seus familiares, os membros de sua comunidade, os outros homens e também em frente ao bem estar do planeta. Ter essa percepção

⁷¹ Quando tratarmos do método educativo islâmico para formar o indivíduo muçulmano proposto por Hassan al Banna se verá a importância das instituições e escolas nesse processo, principalmente em ensinar conteúdos de cunho religioso.

⁷² Hassan al Banna. Apud. RAMADAN, Tariq. *Aux sources Du renouveau musulman: D'al – Afghânî à Hassan al – Bannâ un siècle de réformisme islamique*. Lyon: Éditions Tawhid, 2002, p 229.

esclarecida na mente, de acordo com al Banna, proporcionava conforto e tranquilidade aos corações humanos e os motivava a agir no planeta.

Ele continua a argumentação falando sobre a pluralidade das civilizações, suas evoluções e a gestão de conflitos. E ainda sublinhou que Deus quis a diversidade e fez da rivalidade uma norma sobre a terra, sugerindo aos homens para utilizá-la para o bem. É claro, estas podiam gerar conflito, entretanto este é também um fator de equilíbrio, o que levou o intelectual islâmico a precisar:

"O conflito é uma necessidade social: a regra essencial que o Islam formulou para a vida e sem dúvida para a paz e o equilíbrio, mas o Islam encara a realidade e dela não foge. Já que a terra é constituída por indivíduos com desejos, paixões e ambições e já que existe esta lei geral da natureza que se aplica tanto aos indivíduos quanto às sociedades, a lei da luta pela sobrevivência, é pois necessário que existam conflitos e a guerra. Quando a guerra é levada a cabo para liberar o oprimido e para pôr fim a uma injustiça ou para fazer vencer a verdade, aplicando a justiça em favor da vítima, então esta guerra é nobre dentre as coisas nobres e ela leva ao nascimento do bem, da bondade e da elevação dos homens".⁷³

Portadores de uma mensagem e de valores que eles consideravam globais, os muçulmanos deviam saber que a terra era constituída pela pluralidade desejada pelo Criador e, que por força das circunstâncias, isso os levaria a conflitos onde eles seria ganhadores ou perdedores. O que devia estimular seu comprometimento não era a simples reação ou a vontade de impor seu poder aos outros indivíduos ou nações, contudo a afirmação determinada pela fidelidade aos princípios compreendidos, em que eles seriam justamente universais, como os melhores meios de promover a justiça, o respeito e a coexistência entre os seres humanos. Em síntese, preservando a dignidade (*karaamah* – كرامة)⁷⁴ todos e quaisquer homens.

⁷³ Hassan al Banna. Apud. RAMADAN, Tariq. *Aux sources Du renouveau musulman: D'al – Afghânî à Hassan al – Bannâ un siècle de réformisme islamique*. Op. cit, p 231.

⁷⁴ Palavra em língua árabe que significa integridade e também é como aparece no Alcorão para caracterizar e dignificar a humanidade. Esse conceito pode ser visto na formulação dos principais princípios islâmicos considerados referência para orientar as comunidades muçulmanas no modo de observar, compreender e significar o mundo, além de auxiliá-los no discernimento entre o lícito e ilícito em relação aos problemas políticos, sociais e culturais conjunturais vivido.

Essa formulação foi feita pelo o intelectual islâmico do período da Idade Média, Iman Shatabi, em que os princípios fundamentais islâmicos seriam: vida; razão; família ou linhagem; fé;

Já o retorno aos ensinamentos alcorânicos é um ponto crucial para entendermos o pensamento reformador de Hassan al Banna, o qual considerava essa volta uma declaração de fé, a qual se difundiu para todos os domínios de seu intelecto.

A presença estrangeira, sem dúvida, reforçou, como foi o caso de Ismailiyya, a vontade de se destacar dos valores europeus e de se libertar de sua tutela, contudo nos parece reducionista e impreciso para a leitura dos textos, limitar o pensamento de al Banna a uma mera reação de ordem política e cultural.

A maioria dos estudiosos dos “movimentos islamistas contemporâneos”, nos dias atuais, concluíram que o redespertar dos muçulmanos foi uma reação à hegemonia das representações ocidentais. De acordo com Tariq Ramadan, essa análise, lamentavelmente, amputaria os pensadores muçulmanos de sua referência religiosa e de sua fé e somente daria conta, muito parcialmente, dos fundamentos de seus discursos, de seus posicionamentos em relação ao “outro” e da estruturação de seu pensamento e de seu programa. Em suma, essa análise que não elucidava o campo religioso e apenas daria conta das nuances percebidas nos atos sociais e políticos dos agentes muçulmanos.

É nesse âmbito que é necessário compreendermos os propósitos de al Banna quando ele afirmou que os muçulmanos, detentores do Alcorão e de suas prescrições universais deveriam, se são fiéis a estas últimas, ser os “professores” para os homens. Não se tratava deles possuírem o poder, mas sim se tratava deles (os muçulmanos) serem as melhores testemunhas. Hassan al Banna, como citado anteriormente desenvolveu uma reflexão coerente, provinda na intimidade de sua fé, e que não era reativa e nem se expressava por uma visão exclusivista que negava o direito de ser das outras religiões ou das outras civilizações.

Segundo Tariq Ramadan, al Banna, a partir de seus estudos sobre a vida do Profeta Muhammad, se deu conta que este por meio de sua ação no mundo fez surgir três sentimentos nos corações de seus companheiros muçulmanos:

e dignidade. É importante dizermos que para os dias atuais, Tariq Ramadan sugere que os muçulmanos e não muçulmanos ampliem o entendimento desses princípios. Por exemplo, compreender que faz parte do princípio da vida, hoje, a preservação ambiental.

- *ele gravou em seus corações que ele tinha vindo para a verdade e que todo o resto era incorreto, que sua mensagem era a melhor das mensagens, seu sistema o melhor dos sistemas e sua legislação a mais completa organização por meio da qual se concretiza a felicidade de todos os homens.*

- *ele gravou também em seus corações o sentimento de serem eles os adeptos da verdade e os portadores da mensagem de Deus, enquanto que outros perambulavam pela noite, e já que enfim eles tinham entre as mãos o que, proveniente dos céus, os guiava na orientação das questões do mundo, era preciso que eles se tornassem os mestres ou professores para os povos [...].*

- *por fim, ele gravou em seus corações a sentimento que, se eles cressem nessa verdade e se tivessem orgulho dela e a ela serem fieis, então Deus os auxiliaria, os guiaria e lhes daria a vitória e os sustentaria mesmo se todos os homens se opusessem à eles [...]*⁷⁵.

Essas três percepções em relação ao estar e agir no mundo terminaram, na visão de al Banna, por levar os homens ao esquecimento do que ele dominou de dignidade e de responsabilidade humanas. Ele se dirigiu aos muçulmanos um discurso que indicava que a mensagem corânica trazia a marca do universal. Em síntese, trata-se nitidamente de uma mensagem de convicção e de afirmação identitária, que uma leitura parcial, truncada poderia reduzir à uma reflexão estreita, exclusivista e hermética⁷⁶.

Seguindo essa lógica de raciocínio Hassan al Banna acrescentaria: “*O Islam puro veio clamar à fraternidade humana e anunciar o universalismo cortando secamente todo sectarismo. Ele guia em direção à realização desse nobre chamado divino por todos os meios teóricos e práticos*”⁷⁷.

E é essa mesma convicção que o levaria a dizer:

“O melhor, para toda a humanidade, é que os muçulmanos retornem à sua religião e este fato será um dos maiores suportes para a paz na terra. O que nos empurra nesta direção não é o fanatismo cego, mas sobretudo a mais intensa das convicções quanto ao propósito do Islam, e igualmente o fato de que sua mensagem está em perfeito acordo

⁷⁵ Hassan al Banna *Nossa mensagem em novo nível (Da'watuna fi tawrin jadid)* IN *Six tracts of Hasan al Banna, a selection from the Majmu'at Rasa'il al Iman al Shahid Hasan al Banna*, Op. cit, p 233-234.

⁷⁶ Hassan al Banna. Apud. RAMADAN, Tariq. Op.cit, p223.

⁷⁷ AL – BANNA, Hassan. *Peace of Islam*. s/d, p 12.

com o que o pensamento moderno revelou em relação às regras mais saudáveis da sociedade e de seus fundamentos intangíveis”⁷⁸.

Portanto, para al Banna, existem diversos motivos que levavam os muçulmanos a retornar a sua religião⁷⁹, em que as condições sociais e econômicas que, muitas vezes catastróficas, empurravam as pessoas a buscar refúgio no Islam. Nesse sentido, é relevante sublinharmos que essa questão já havia sido abordada nos anos 1940 e que Hassan al Banna se debruçou sobre a mesma em 1946, ao tomar o caminho inverso da análise exclusivamente sociológica. Aqui mais uma vez, percebemos que a referência ao universal e a entrega à fé são determinantes aos seus olhos, mas não sendo exclusivistas.

Logo, segundo o intelectual islâmico, o mundo muçulmano, e claro como todo mundo árabe, estaria em vias de se orientar em direção a um renascer do tipo islâmico e que este movimento tenderia a ser reforçado.

De acordo com Tariq Ramadan e também Yussef Qaradawi, a interpretação de al Banna se devia a três fatores por ele diagnosticados: a falência do Ocidente, a plenitude do Islam e a evolução das sociedades.

O primeiro consistia na falência dos fundamentos sociais sobre os quais foi constituída a civilização das sociedades ocidentais, segundo al Banna, o modo de vida do Ocidente, que se apoiava nas ciências da matéria e da tecnologia. Estas não conseguiram oferecer ao íntimo do ser humano uma alternativa ao materialismo, em consequência, a civilização ocidental seria tomada por uma fragilidade decorrente da eliminação da transcendência.

Ora, o homem não é uma máquina no meio de outras tantas. E é natural que ele se encontre desgostoso nesse estado estritamente materialista e que não pare de tentar dele escapar. Para al Banna, o modo de via ocidental não encontrou outros meios para permitir o ser humano de se divertir, a não ser se refugiar nas próprias coisas materiais: “[...] a partir da transgressão, das seduções, do álcool, da sexualidade, das grandes festas atordoantes, as aparências atraentes e

⁷⁸ Idem.

⁷⁹ Aqui, a palavra religião está ligado a ideia de sistema (دين – *din*), termo na língua árabe que significa método ou o compromisso em seguir princípios. No caso dos muçulmanos, é o comprometimento de seguir os princípios islâmicos, que compõem um código de vida completo desde de valores políticos à comportamentais. E isto diz respeito a própria natureza do conceito de fé (إيمان – *al iman*), que parte da ideia de responsabilidade recíproca entre o fiel e Deus.

*excitantes que sem dúvida distraem por um tempo, mas que pouco a pouco, torna o homem perpetuamente insatisfeito*⁸⁰.

Em segundo lugar, temos a afirmação de uma linhagem de pensadores muçulmanos, a qual demonstrou que nos fundamentos e nas normas do Islam era possível encontrar um sistema social preciso e universal útil ao homem contemporâneo.

De acordo com al Banna, os muçulmanos não foram, durante algum tempo, conscientes de sua história. E a retomada dessa consciência histórica e religiosa era o cerne que ele denomina de renascer.

O terceiro e último fator diz respeito à natureza da evolução das sociedades após as duas guerras, nas quais participaram as principais nações do mundo e que marcaram a história de muitos povos.

Disto, Hassan al Banna falou longamente e argumentou que as evoluções produziram nas sociedades ocidentais, das quais se conheceram regimes democráticos, ditaduras nazista e fascista, os poderes socialistas que pouco a pouco se aliaram, lutaram, depois se aliaram de novo sem que uma via clara aparecesse por trás das mudanças incessantes. Conforme as palavras do intelectual islâmico:

“Esta evolução das sociedades e essas lutas incessantes e impiedosas despertaram os pensadores muçulmanos que se puseram a medir, comparar e chegaram a conclusão são exata que era preciso acabar com esta situação e que era necessário que suas nações e seus povos retornassem ao Islam”.⁸¹

Em nenhum momento al Banna apresentou esse retorno ao Islam como o resultado de uma luta engajada em relação ao Ocidente, mas sim fruto de uma tomada de consciência e de uma análise das situações.

⁸⁰ Hassan al Banna. Apud. RAMADAN, Tariq. Op.cit, p 235.

⁸¹ AL – BANNA, Hassan. *Peace of Islam*, op.cit, p 6-9.

Na linha dos pensadores reformistas, em que todos clamavam ao retorno às origens religiosas com a compreensão do contexto da época contemporânea, Hassan al Bana passaria a maior parte de seu tempo desperto para explicar esse Islam ao qual ele não cansava de se referir. Com a profunda tomada de consciência do caráter divino e universal da mensagem, sem omitir a observação e a análise do estado do mundo e de seus desequilíbrios, o muçulmano considerava o retorno ao Islam como a imposição de si, do coração ao espírito.

Nesse sentido, é possível sublinharmos que a dimensão da fé (estar com Deus) está profundamente presente na reflexão do intelectual islâmico, sendo ela, o fundamento do “estar no mundo” e a origem do “agir no mundo”. Compreender o Islam, para ele, era antes de tudo entender a necessidade de aprofundar sua relação com Deus, vivendo intensamente essa espiritualidade e a disciplina que ela exigia.

Al Banna no decorrer de sua trajetória intelectual, especificamente durante os vinte e dois anos em que durariam sua ação, nunca parou de fazer referências à fé, de falar do coração e de endereçar aos corações: quando ele intervinha nos cafés, quando tomava a palavra nas mesquitas, quando se dirigia aos jovens estudantes, e no conjunto de suas obras, seu principal objetivo era, antes de tudo, recordar que o Islam era uma fé, a qual se sustentava no íntimo do homem e que ela devia ter consequências determinantes sobre a vida do ser humano.

“Nós convocamos as pessoas, a princípio, para esses três sentimentos: Ó vós! Antes que vos fala da oração, do jejum, do destino, do poder, dos hábitos e costumes, dos atos de adoração, dos tipos de organização, das questões sociais e políticas, nós queremos vos falar do coração vivo, da alma vivificada, da intimidade lúcida, da existência despertada e da profunda fé nestes três fundamentos: a crença na grandeza da Revelação, na fidelidade de a ela aderir e na esperança de ser sustentado por Deus. Sois vós, pois, crentes?”⁸²

Antes de toda discussão teórica, todas pilastras das estruturas, antes de toda ação, o que era importante para al Banna era que cada um pudesse acessar a

⁸² Hassan al Banna *Nossa mensagem em novo nível (Da'watuna fi tawrin jadid)* IN *Six tracts of Hasan al Bana, a selection from the Majmu'at Rasa'il al Iman al Shahid Hasan al Banna*, Op. cit, p 235.

íntima compreensão da mensagem alcorânica que, na simplicidade de sua formulação, mostrasse um coração em busca da elevação que permitisse acessar o conhecimento de Deus e atuar, então, dentro de Sua vontade:

*“O Islam se preocupou profundamente com o fato de cuidar dos corações humanos, já que eles são o pilar de toda organização e o meio de toda reflexão, de toda concepção e de toda representação. Aos corações foram prescritos remédios eficazes que lhes permitem se purificar das paixões e de se libertar da tenacidade de seus desejos e ambições afim de levá-los à plenitude e à nobreza, preservando da tirania, dos erros e da adversidade. Se o ser íntimo segue o caminho correto e se purifica, então tudo o que ele produziu é, ao mesmo tempo, belo e são”.*⁸³

E segue dizendo que os Irmãos Muçulmanos tinham por objetivo inicial a educação dos corações, a renovação das almas, o reforço da moral, o desenvolvimento da verdadeira força de caráter nos seres humanos da nação. E aí que os mesmos consideravam a base, na qual se realizaria o renascer ou redespertar das sociedades e dos povos. E al Banna precisou:

*“Muitas pessoas pensam que o falta ao Oriente é a força material, como o dinheiro, o equipamento, os aparelhos de guerra e de combate para se desenvolver e ultrapassar as nações que lhe roubaram seus direitos e arrasaram suas populações. Isto é, ao mesmo tempo, verdadeiro e importante, mas o que é mais importante e imperativo ainda, é a força espiritual a nobre moralidade, a personalidade digna e a fé em seus direitos (com seu conhecimento) ao mesmo tempo junto à vontade dos Antigos. É conveniente desenvolver igualmente o dom de si na visão do dever e da fidelidade na qual repousam a confiança e a unidade, e de onde enfim nasce a força”.*⁸⁴

A partir dessas palavras, é possível notarmos que, o se aproximar do Criador, tendo como exigência uma espiritualidade em constante prática, era um dos fundamentos mais determinantes da mensagem islâmica que Hassan al Banna orientava as pessoas em sua volta. Esse campo espiritual era essencial, este era a compreensão para o coração e também para o entendimento fundamental da mensagem alcorânica.

⁸³ Hassan al Banna. Apud. RAMADAN, Tariq. Op.cit, p121.

⁸⁴ Hassan al Banna. *A quem os chamam?(Ila ay shay'nad'u an-nass?)* IN *Six tracts of Hasan al Bana, a selection from the Majmu'at Rasa'il al Iman al Shahid Hasan al Banna,*, Op. cit, p 46.

Enfim, ela era fonte e a base de tudo. Contudo, o intelectual islâmico toma cuidado para não reduzir o Islam a esse único campo, que, sendo prioritária e obrigatória, não nem único nem exclusivo. Àqueles que desejarem circunscrever os Irmãos Muçulmanos à uma única ação de purificação da alma, al Banna responde: *“Se enganam aqueles que acreditam que os Irmãos Muçulmanos são uma sociedade de dervixe que se enclausuram em um círculo estreito de práticas de cultos islâmicos e que têm por única preocupação a oração, o jejum, o chamado, desfiando seu rosário”*⁸⁵.

Hassan al Banna nunca aceitou que se definissem os Irmãos Muçulmanos exclusivamente como um partido apresentado ao cenário político para atingir o poder. No seu espírito, percebemos, no debate que diz respeito à participação nas eleições legislativas, os Irmãos Muçulmanos tinham nitidamente uma orientação política que eles deviam fazer ouvir no chamado e na ação global, sem nenhum desvio em direção à "política politizada" que ele reprovava nos partidos de sua época.

O Islam se inicia por uma vida de fé circunscrita no coração e por uma tomada de consciência da necessidade de manter o laço com Deus, não se limitou a essa única prática de espiritualidade. Mais que isso, a mística era, ao mesmo tempo, uma condição e um impulso: sem ela, o sistema islâmico não seria completamente entendido e era a partir de sua energia que o homem devia agir. Hassan al Banna quer, no seio dos Irmãos Muçulmanos, consagrar esse casamento entre a mística e a ação. Àqueles Irmãos que o questionavam sobre sua especificidade, o líder lhes propunham a responder:

“Diga àqueles que se perguntam: Nós trazemos a plenitude e a globalidade da verdadeira mensagem alcorânica: Nós somos uma irmandade que aspira à reforma das intimidades, à purificação das almas e à união dos corações com Deus, o Altíssimo. Nós somos uma que deseja o bem e luta contra o mal, que consola o afligido, que dá àquele que pede e que está privado do bem e que, enfim, reconcilia aqueles que estão em disputa. Nós somos uma fundação social que luta contra a ignorância, a pobreza, as doenças e os vícios que se encontram sobre qualquer forma. Nós somos um partido

⁸⁵ Hassan al Banna. Apud. RAMADAN, Tariq. Op.cit, p 241.

*político limpo, livres de qualquer ambição, que determina um objetivo e se purifica em sua direção e orientação*⁸⁶.

Portanto a criação e o fortalecimento do laço com Deus devia levar a um comprometimento (relacionado ao próprio entendimento do conceito de fé) que é ainda o Islam. É aqui que a intervenção se fazia necessária para a compreensão da globalidade da mensagem islâmica gerada pela dupla tomada de consciência da universalidade e da *rabbaniyya* (aproximação do fiel com seu Criador). Uma associação, um movimento, que queira realizar e se dar conta do conteúdo verdadeiro e completo do sistema de vida islâmico, o qual deveria juntar os três domínios: a fé, a ciência e a ação.

Nesse sentido, o pensador islâmico Abu Hamid al Ghazali introduziu a ideia de reavivamento das ciências religiosas, precisando que o conhecimento era primordial para os indivíduos que desejassem estreitar sua relação para como Deus.

Muitos estudiosos e governantes árabes influenciados pelas concepções ocidentais de estar no mundo e também pela presença marcante dos colonizadores europeus nos territórios colonizados na África e Ásia, difundiram pensamentos como: a religião é assunto do campo privado; a separação entre religião e política; a formação de Estado Moderno laico e entre outros.

Hassan al Bana se opunha fortemente a estes tipos de ideias que parecem, ao seu ver, apenas uma imitação e se situava nitidamente na mesma linha de pensamento de al Afghani, de Abduh e, principalmente, de Rashid Ridda - que tinham palavras muito duras para esses “europeurizados”, completamente embebedados pelos modelos ocidentais.

Essas concepções, segundo al Banna, seriam e podiam ser compreensíveis sob a experiência do Ocidente, tomando em consideração sua história ou face ao que era a religião cristã em sua essência ou a partir de sua instituição clerical, porém ela não seria operante para o Islam. E os que levavam essa tese adiante são

⁸⁶ Idem, p 242.

exatamente aqueles que não compreenderam a peculiaridade da mensagem islâmica.

E continua a argumentar que a separação entre o político e o religioso no caso europeu trouxe numerosos benefícios a esse continente e que, indubitavelmente, ele não podia se desenvolver e viver o seu Renascimento sem o processo de secularização.

“A natureza da religião na Europa - o cristianismo - e o controle opressivo de seus homens sobre o poder e ciência durante a Idade Média, assim como os longos conflitos entre os diversos aspectos da vida europeia, tudo isso levou a Europa a separar a religião da política, por um lado e, por outro, a religião da nacionalidade e da ciência.”⁸⁷

No entanto al Banna se apressou em destacar que “o que convém lá não necessariamente convém aqui” e que tais não eram os princípios, os ensinamentos e a história do Islam aos quais era preciso retornar, e que era conveniente ter entendimento do seu interior para traçar o caminho do renascer islâmico. Enfim, no interior desse período problemático e tenso, al Banna apresentou o chamado dos Irmãos Muçulmanos como aquele da renovação insuflada pela compreensão do Islam, já que se tratava:

“[...] de reformar a compreensão que os muçulmanos têm de sua religião pela explicação clara da mensagem alcorânica, apresentando-na de um modo que convenha ao espírito deste século e que descortine o que ele revela de grandeza e de beleza ao se afastar dos erros e das obscuridades”⁸⁸

Nesse sentido, al Banna não parava de recordar que o Islam não se reduzia ao que era entendido pela palavra “religião” no Ocidente, em que essa palavra só dizia respeito ao trato ao culto, ao elo com o Criador. Era uma compreensão

⁸⁷ Hassan al Banna. Apud. RAMADAN, Tariq. Op.cit, p 246.

⁸⁸ Idem, p 246.

simplista e falsa, de acordo com o intelectual islâmico, já que encontrávamos no Alcorão e nos hadiths as normas de orientação para todos os campos da vida.

Ainda nessa linha de raciocínio Hassan al Banna apresentou diversas percepções que os muçulmanos tinham de sua religião: que a limitam às orações e à adoração, ao bom comportamento e à moral, à espiritualidade, à um simples meio de acalmar o psíquico; e todos apenas consideravam um aspecto do Islam, se contentando com isso e, às vezes, até entrando em conflito com simpatizantes de outros partidos, aos quais eles reprovam o déficit de compreensão.

Al Banna chamou os muçulmanos a ter acesso à inteligência da globalidade ou universalidade do Islam que, se ela ainda não era generalizada era, contudo, a mais fiel à palavra de Deus:

“Nós pensamos que as normas do Islam e seus ensinamentos circunscrevem todos os aspectos da vida das pessoas, aqui e além, e aqueles que supõem que esses ensinamentos se limitam ao aspecto cultural ou espiritual sem os outros campos estão errados, já que o Islam é fé e adoração, pátria e nacionalidade, religião e Estado, espiritualidade e ação, Alcorão e espada”⁸⁹. Tudo no Alcorão exprime isso e na verdade a essência do Islam recomenda ser sincero e fiel no conjunto destes campos”⁹⁰.

Nos seus escritos conhecidos como *Risalat at-ta ‘alim* (Epístolas dos ensinamentos), Hassan al Banna fez referência a globalidade ou universalidade do Islam, dizendo:

“O Islam é uma organização completa que engloba todos os aspectos da vida. É ao mesmo tempo um Estado e uma nação, ou ainda um governo e uma comunidade. É igualmente uma moral e uma força, ou ainda o perdão e a justiça. É igualmente uma cultura e uma jurisdição, ou ainda uma ciência e uma magistratura. É igualmente uma matéria e um recurso, ou ainda um ganho e uma riqueza. É também uma luta na visão de Deus e um chamado, ou ainda um exército e um pensamento. É enfim uma crença sincera e uma sã adoração. O Islam é tudo isso do mesmo modo”⁹¹.

⁸⁹ É válido dizermos que o espírito de guerra está submetido às condições muito estritas e que só podem justificar em caso de legítima defesa ou resistência à opressão.

⁹⁰ Hassan al Banna. Apud. RAMADAN, Tariq. Op.cit, p 247.

⁹¹ Idem, p 247.

É importante dizermos, então, que essa concepção de al Banna, compartilhada com reformadores islâmicos anteriores, a respeito do Islam, teve consequências no modo de lidar com principais fontes islâmicas, o Alcorão e os hadiths, particularmente na forma de lê-las e interpretá-las. E adiciona-se a isto a maneira de apreender o trabalho produzido pelos intelectuais da história islâmica.

Portanto, Hassan al Banna se situa claramente na tradição reformista no que tange, como nós vimos, ao desejo de retornar às origens, à referência alcorânica e à tradição do Profeta Muhammad, permitindo uma renovação em sua leitura. Em que essa inteligência da globalidade seria caracterizada por um ir e vir constante entre os textos e o estado das sociedades de cada conjuntura.

De acordo Yussef Qaradawi, a noção de globalidade, tal como entendida por al Banna, não quer dizer de modo algum, que todos os elementos ou todos os domínios da religião seriam de mesmo valor, ou que a intervenção no campo social se traduzia por mudanças revolucionárias sem respeitar os ritmos e as etapas (de ação) O pensamento universal para al Banna era traduzido pela compreensão de prioridades e por uma ação local que fixava as etapas para seu desenvolvimento, levando em conta os indivíduos e os contextos.

Quando chegou em Ismailiyya, Hassan al Banna constatou, de fato, duas problemáticas vivenciadas pelo povo egípcio (e também pelo mundo muçulmano de modo geral): o peso da presença estrangeira europeia subjugando o Egito e ditando seu destino por um lado, e por outro lado diagnosticou que os muçulmanos inacreditavelmente divididos e em perpétua disputa.

Nas mesquitas, al Banna encontrou estéreis lutas de grupos que impediam os fiéis de encarar as prioridades do culto e da ação; estes se preocupavam muito mais com os detalhes e abandonavam o essencial: mais frequentemente se tratavam de disputas de escolas no que dizia respeito a questões secundárias da jurisprudência islâmica (*fiqh* - فقه). Ele considerava os desgastes que este estado provocava e decidiu, desde os primeiros dias de sua pregação, evitar os assuntos delicados para unir os muçulmanos em torno de duas origens nas quais não havia nenhum litígio: o Alcorão e os hadiths.

Em síntese, para além das divisões e divergências de opiniões de grupo, apesar de serem inevitáveis e naturais, mas que os Irmãos Muçulmanos prezavam é a união, seguindo a linha de pensamento de al Afghani, pois a união fortaleceria a sociedade muçulmana tanto para enfrentar a dominação estrangeira quanto de governantes corruptos ou injustos.

Hassan al Banna acreditava que o laço mais forte e profundo entre os muçulmanos era aquele do compromisso com o Islam e com suas referências fundamentais. E divulgou esse estado de espírito as pessoas em seu torno, durante as duas décadas de seu engajamento e encontrou nisso a força e a esperança, particularmente, para superar as diferenças e conflitos entre as escolas islâmicas. Para tanto, ele começou por afirmar que as divergências de opinião são naturais e inevitáveis nas questões secundárias do Islam, mas não em sua essência. E que era impossível querer elucidá-lo:

“Saibam, em primeiro lugar, que a mensagem dos Irmãos Muçulmanos é um chamado largo, global, que não está ligado a nenhum grupo e a nenhum clã específico; ele não se assenta tampouco sobre nenhuma opinião, conhecida pelas pessoas, e que exigisse deveres ou uma iniciação particular. Certamente não, a opinião se orienta em direção ao coração e a essência da religião [...]. Apesar disso, nós pensamos que a divergência de visões nas ramificações da religião é um fato inevitável, já que é impossível que nós estejamos totalmente de acordo sobre as ramificações, sobre as opiniões, escolas jurídicas e isso, por múltiplas razões: dentre elas, há a existência de diferentes capacidades intelectuais quanto à extração de regras da religião a partir dos textos, o conhecimento ou a ignorância das provas ou ainda o poder de mergulhar nas profundezas da semântica; há ainda a diferença na capacidade de estabelecer ligações entre as situações: ora, a religião é composta de versículos, de hadiths e de textos que a inteligência ou a opinião devem comentar nos limites da língua e de suas regras, campos nos quais as pessoas têm capacidades muito diversas; são inevitáveis, pois, as divergências.”⁹²

Ainda nessa linha de pensamento, al Banna refletia um conjunto de causas, tais quais o nível de conhecimento dos pensadores muçulmanos (os companheiros do Profeta Muhammad eram, eles próprios, divididos sobre certas opiniões jurídicas), os diversos ambientes (ele recordava que a aplicação das normas jurídicas modificavam de um local para o outro) fazem concluir que:

⁹² Hassan al Banna *Nossa mensagem (Da'watuna)* IN *Six tracts of Hasan al Bana, a selection from the Majmu'at Rasa'il al Iman al Shahid Hasan al Banna*,, o p. cit, p 25.

*“[...] não apenas uma única concepção nos domínios secundários do Islam é impossível, e esta estaria em contradição com a própria natureza dessa religião, já que Deus quer que este sistema se recicle, que ele seja eterna, que acompanhe os séculos e que avance sobre as épocas; é por isso que ele é fácil, flexível, simples, doce, sem nenhuma rigidez nem nenhuma intransigência”.*⁹³

Entretanto, de acordo com o Tariq Ramadan, reconhecer a necessidade da diversidade não significa que o intelectual islâmico falhou em admitir a realidade da cisão. Era necessário desenvolver um estado de espírito que permitia preservar o fundamental: al Banna chama o respeito da diversidade das opiniões pela compreensão profunda do sentido de união dos corações. Ele colocou este ensinamento em prática em Ismailiyya e não cessou de repetir, assim como Rashid Ridda, que *“é preciso respeitarmos uns aos outros nas nossas divergências de opinião”* e preservar o essencial em torno do Alcorão e dos hadiths.

Na sociedade egípcia de sua época (e também em outras comunidades do mundo muçulmano), como é ainda o caso nos dias de hoje, al Banna compreendia que essas divisões eram uma das maiores causas da paralisia da mesma. As pessoas do povo, influenciadas pelos pregadores de diferentes escolas, terminavam por se opor umas às outras e se enganavam assim os inimigos, particularmente os opositores à filosofia islâmica de vida.

Segundo Tariq Ramadan, essa questão apareceu em quase todas as intervenções públicas de al Banna; e tanto ela era verídica que parece ser a fonte de todas as fragilidades dentro da comunidade muçulmana. Ela era sobretudo significativa para o intelectual islâmico naquilo em que ela era uma prova suplementar da má compreensão da natureza da religião que, se ela é una, não exigirá a uniformidade dos homens e dos espíritos.

Muito ao contrário, o Islam admite o movimento, exige a diversidade, porém eram os indivíduos que modificavam suas normas, endurecendo os contornos e julgavam de modo intransigente. Exigindo na propagação desse

⁹³ Idem, p 26.

estado de espírito, al Banna constantemente recordava que “*a divergência em relação às escolas jurídicas não pode nos afastar de nenhuma instituição islâmica*”⁹⁴, que “*esta divergência não provoque o mal*”⁹⁵, que ela “*não pode ser a causa de cisões*”⁹⁶, para finalizar afirmou que “*o mal não está na divergência, está na intolerância e no fanatismo*”⁹⁷.

Esse mal estava no interior da comunidade e os muçulmanos eram os únicos responsáveis por ele. Era preciso remediá-lo por meio de um longo trabalho de educação afim que os homens e as mulheres compreendam melhor sua religião e se atenham ao essencial dos ensinamentos vindos do Alcorão e dos hadiths.

Portanto, é importante enfatizarmos que a má compreensão da ideia de divergência era resultante, aqui, pela má compreensão natureza e história do Islam por parte dos próprios muçulmanos, levando assim, a intolerância e o fanatismo. A solução para al Banna juntamente com outros reformadores islâmicos estaria na reeducação dos muçulmanos, e isto para ele era o primeiro passo para uma reforma política e social no interior do mundo muçulmano.

Nesse sentido, Hassan al Banna propunha, especialmente aos muçulmanos, um novo modo de se relacionar com as principais fontes islâmicas, o Alcorão e os hadiths, afim de não confundir a fidelidade aos seus ensinamentos com enclausuramento ou intransigência.

O desejo de despertar a fé nos corações de seus interlocutores ou ouvintes, al Banna não cansava de citar os ensinamentos alcorânicos e da tradição do Profeta Muhammad. E no conjunto de suas lições ou de seus discursos seria alicerçado e orientado por essas duas referências que ele colocava à disposição de cada um, a partir de explicações fornecidas em uma linguagem clara, acessível e de fácil entendimento.

⁹⁴ Hassan al Banna IN *Six tracts of Hasan al Bana, a selection from the Majmu'at Rasa'il al Iman al Shahid Hasan al Banna*,, o p. cit, p 216.

⁹⁵ Idem, p 318.

⁹⁶ Idem, p 357.

⁹⁷ Idem, p 124.

A íntima proximidade do texto alcorânico e o conhecimento profundo da vida do Mensageiro Muhammad lhe parecia ser uma necessidade de primeira ordem: ao seu ver, cada muçulmano deveria ter uma relação imediata, ao mesmo tempo afetiva e intelectual, com as principais fontes islâmicas e que, antes de qualquer debate de escolas ou de legislação teórica.

Fiel a sua convicção de prioridade de uma relação mais profunda do homem com Deus, al Banna, no programa de formação que ele determinaria para os membros dos Irmãos Muçulmanos, pedia para que eles não passassem um dia sem ler um trecho do Alcorão. E fica a cargo de cada um determinar a extensão do trecho, mas era necessário em seguida manter a constância da ação:

“Os Irmãos devem ter atenção de fazer do Livro de Deus, o Altíssimo, a fonte primeira onde eles saciarão sua sede e dentre seus compromissos há aquele no qual cada um dos membros determina por si a leitura cotidiana de uma parte do Alcorão”⁹⁸.

Assim, Hassan al Banna estimularia os membros dos Irmãos Muçulmanos a aprofundar sua espiritualidade ou sua relação com Deus a partir de uma proximidade alimentada pela leitura e prática das referências islâmicas. Esse modo de se relacionar com o Alcorão e os hadiths terá uma grande influência sobre o conjunto de divulgação realizada por Hassan al Banna, e particularmente sobre as tomadas de posição a respeito às modalidades de autoridade no Islam, no domínio da *chariah* (الشريعة)⁹⁹ ou ainda da jurisprudência (*fiqh*) e de sua evolução histórica.

No decorrer dos anos, os intelectuais pertencentes do mundo muçulmano discutiriam (e muito comentariam sobre os comentários dos que os antecederam), acrescentariam teorias às análises – criando bases inabaláveis e tendo por

⁹⁸ Hassan al Banna. Apud. RAMADAN, Tariq. Op.cit, p 253.

⁹⁹ Termo normalmente traduzido como jurisprudência islâmica, contudo na língua árabe este significa caminho ou estrada a ser seguido pelo muçulmano, podendo então se aproximar de Deus e atingir a paz. Ou seja, é o código de conduta contendo os meios e modos de adoração; os padrões da vida e moral; as leis que permitem ou proíbem entre o lícito e ilícito etc. Em que as fontes da *chariah* são o Alcorão e os hadiths. Isto possibilita ao muçulmano alcançar o auge da tranquilidade. É importante notarmos que a legislação islâmica faz parte da *chariah*.

consequência intermináveis embates – , em suma, santificariam determinadas opiniões e seus autores (rejeitando todos que se opusessem) a tal ponto que eles terminariam por se afastar das fontes islâmicas.

Al Banna, como os reformadores que o precederam, como al Afghani; Muhammad Abduh; Rashid Ridda e entre outros, lamentariam e criticariam esses longos séculos de "esclerose" do pensamento e da imitação preguiçosa. Nesse contexto, o intelectual islâmico chamou pelo retorno à leitura das fontes islâmicas e, sobretudo, à não santificar nenhuma opinião jurídica formulada por um pensador, independente do quanto qualificado ele seja. Já que, as únicas autoridades são o Alcorão e os hadiths.

“O santo Alcorão e os hadiths são as puras fontes de referência para todo muçulmano desejoso em conhecer as regras do Islam. O Alcorão só pode ser compreendido sob a luz das regras da língua árabe sem refinamento supérfluo nem exagero de estilo. Quanto os hadiths, é preciso, para compreendê-los, se orgulhar dos transmissores dignos de confiança [...]. Cada um pode ter sua opinião aceita ou rejeitada, exceto o Profeta Muhammad . Também, tudo aquilo que chegou até nós através de nossos antecessores, que Deus os aprove, nós aceitaremos enquanto estiver de acordo com o Alcorão e com os hadiths; caso contrário, a prioridade é concedida ao Alcorão e os hadiths. Contudo, nós não devemos censurar as pessoas, ofendendo-nas ou machucando-as, nas questões onde há divergências. Nós as devolveremos às suas intenções: elas serão levadas em direção àquilo que foram preparadas (para o bem ou para o mal)”¹⁰⁰.

A partir da leitura dessas linhas podemos perceber que al Banna não quer seguir cegamente as opiniões dos pensadores islâmicos sem verificar a legitimidade destas. E também o que está implícito aqui era que para levar em conta as opiniões de uns e de outros seria necessário retornar ao Alcorão e os hadiths, antes de ir aos comentários produzidos ao longo história islâmica. Podendo assim, segundo o intelectual islâmico combater a estagnação do pensamento muçulmano e incompetência dos intelectuais. Além de extrair das fontes os ensinamentos e determinar quais orientações convém escolher para permitir a aplicação do código islâmico na época presente.

¹⁰⁰ Hassan al Banna. *O aprendizado (At ta'alim)* IN *Six tracts of Hasan al Bana, a selection from the Majmu'at Rasa'il al Iman al Shahid Hasan al Banna*. Op. cit, p 356-357.

É preciso frisarmos que há uma distinção entre os ensinamentos que fundavam a *chariah* e as respostas específicas de um determinado contexto e que constituiriam uma jurisprudência particular (*fiqh*), apesar de virem das mesmas referências islâmicas que formariam a base ideológica e prática da união da (*ummah muslimah* - أمة مسلمة)¹⁰¹. É claro, que existiam desacordos na interpretação de certos trechos alcorânicos ou na autenticidade ou no significado de certas tradições do Profeta Muhammad, há tanto tempo que aqueles que os estudavam não pariam de fazer uso de sua inteligência.

No entanto, segundo al Banna, o que importava era que os diferentes pontos de vista permaneciam fundamentados nos argumentos retirados dos textos islâmicos e que as opiniões expressas pelas diversas escolas de direito muçulmano sobre os pontos controversos não fossem elevados, por negligência ou ignorância, e sim pelas principais referências islâmicas, as quais seriam consideradas universais e abarcavam a vida humana em sua totalidade, em todos os domínios, em todos os estados de evolução, em todas as épocas de sua história.

E para cada tempo, pois, convém procurar respostas apropriadas para uma leitura aplicada dos escritos islâmicos e uma compreensão forçosamente renovada. As grandes orientações oriundas do código islâmico deviam ser aplicadas com uma fidelidade que levassem em consideração as modalidades de adaptação a uma época e a um lugar. Buscando priorizar a facilidade da prática desses conselhos e evitando, tanto quanto pode, os debates teóricos esclerosados que não acarretariam nenhum resultado concreto.

“Toda questão sobre a qual nenhum trabalho concreto se constrói não deve ser objeto de um estudo aprofundado: se tratam aí de reflexões supérfluas que nos foram proibidas pelas prescrições do Islam. Assim também com a multiplicação desses setores da legislação que não são de utilidade alguma; ou do exame aprofundado do sentido de certos trechos do Alcorão dos quais nossa ciência não atingiu ainda o nível de

¹⁰¹ Expressão na língua árabe referente ao conceito corânico, o qual significa comunidade concreta e que a partir do século XIX adquiriu dois possíveis significados: comunidades socioculturais, nacionais ou confessional (origem religiosa do indivíduo); e comunidade universal superior a diversidade racial, geográfica, linguística e assim por diante – a nação seria a cultura, sendo supraterritorial, isto é, além das fronteiras artificialmente construídas pelos homens e assim se estendendo à outros continentes. É importante ressaltarmos, que dentro do mundo árabe islâmico existe a disputa entre a concepção de nação descrita acima e a de *watan* (وطن) – pátria no sentido laico e ocidentalizado – entre os diversos movimentos políticos e sociais que ali surgiram.

compreensão; ou ainda desses debates destinados a comparar os respectivos méritos dos discípulos, que Deus os aprove, ou a análise dos motivos de seus desacordos. Ora, todos têm o direito de ter acompanhado o Profeta, que a Paz e a Benção de Deus estejam com ele, e cada um será recompensado em função de suas intenções: cada um é livre para em seguida fixar suas preferências”¹⁰².

Enfim, reencontrar nos textos islâmicos uma possível e propícia interpretação direcionada à fé e à consciência, procurando então, com um novo olhar, as orientações as quais seria necessário permanecer fiel (e que a inteligência da época presente devia concretamente traduzir), ao evitar os conflitos inúteis e indo direito ao essencial, estas seriam as atitudes que transpareceriam no cerne do pensamento de Hassan al Banna, o qual não parava de aconselha-las aos muçulmanos.

3.3 Educação e reforma islâmica

A preocupação primeira de Hassan al Banna, como observamos, era de pôr em prática os ensinamentos do Islam. A fé, o aprofundamento da espiritualidade na intimidade da presença de Deus, a leitura afetiva e intelectualmente renovada dos escritos islâmicos deveria permitir, na confiança do caráter universal da mensagem e na compreensão de sua globalidade, a realização de um projeto social coerente, sólido e inovador para a época.

Essa reflexão dada por al Banna extraía sua energia das mesmas fontes de Jamal al Din al Afghani. Como ele, al Banna estava persuadido que era necessário retornar aos princípios sociais, políticos, econômicos e comportamentais islâmicos e que para tal era necessário se libertar da dominação estrangeira e das alienações que ela implicava. Contudo ele considerava que era preciso, antes de qualquer coisa, iniciar uma reforma no interior da nação muçulmana e, nessa linha al Banna se juntará à Muhammad Abduh ao colocar no primeiro posto de suas preocupações a questão da educação ao mesmo tempo espiritual, moral, escolar e psíquica.

¹⁰² Hassan al Banna. *O aprendizado (At ta'alim)* IN *Six tracts of Hasan al Bana, a selection from the Majmu'at Rasa'il al Iman al Shahid Hasan al Banna*. Op. cit, p 357.

Sua forma de intervenção no terreno será, no entanto, diferente: Abduh tinha fundado uma associação de solidariedade, porém o essencial de seu engajamento se realizava a partir de seus postos de responsabilidade no governo. Hassan al Bana seguirá a opinião de Rashid Ridda que, vendo a queda do governo otomano e separação das nações, apelará para a criação de um órgão dinâmico defendendo a ideia do reformismo: ele pensava em um partido, Hassan al Banna constituirá uma organização de objetivos muito amplos e diversos, especialmente o de difundir o pensamento reformador, de unir em torno dela as forças vivas da sociedade e de engajar um processo concreto de mobilização.

Nesse sentido, al Banna e os Irmãos Muçulmanos não paravam de investir na sociedade egípcia (e também no mundo muçulmano), e de nela desenvolver um tecido associativo nutrido pela energia de um pensamento e de uma mobilização como nenhuma outra: cinquenta mil membros, em 1945, e apenas no Egito que contava então com uma população de vinte e cinco milhões de pessoas, com um capital de simpatia popular impressionante e em todas as classes sociais. Al Banna, mais que seus antecessores, conseguiu, por intermédio da estrutura dos Irmãos Muçulmanos, traduzir o pensamento reformador em uma dinâmica criativa que, no conjunto do território egípcio, era acompanhado pela criação de escolas, centros de saúde, cooperativas de desenvolvimento, pequenas empresas, associações esportivas, estruturas de escoteiros, etc.

Reencontramos entre membros dos Irmãos uma leitura original impregnada das fontes islâmicas, um movimento essencial do pensamento islâmico, e seu princípio caro à Muhammad Iqbal¹⁰³, alimentado por uma aplicação constante dos valores oriundos do Islam em todos os campos do

¹⁰³ Muhammad Iqbal (1877 – 1938), intelectual conhecido por Allamo Iqbal, foi um poeta, grande político indiano e filósofo muçulmano moderno. Também considerado um dos inspiradores do movimento de independência do Paquistão. Estudou direito e filosofia na Inglaterra, onde se tornou membro do sucursal de Londres do *All India Muslim League*.

Uma de suas conquistas foi trazer de volta o ensino das ciências chamadas de profanas na Universidade *al Azhar* e no mundo muçulmano. Revindicou também essas ciências como uma herança das ciências islâmicas, pois aquelas fazia parte do Islam, já que este em sua essência estimulava o desenvolvimento humano e científico, buscando o equilíbrio entre o material e espiritual.

No decorrer de sua vida, iniciou o movimento de exterminar a complexidade de inferioridade das comunidades muçulmanas em relação ao Ocidente, o que fará que muitos se tornem conscientes da necessidade do despertar islâmico e a restauração do Califado, a partir do resgate dos valores e princípios, políticos, sociais, morais e culturais islâmicos. É importante destacarmos, que mais tarde, este será o objetivo de Hassan al Banna juntamente com os Irmãos Muçulmanos.

pensamento social, moral, político e econômico. Dirigido à ação, Hassan al Banna não cessou de formular um estudo exaustivo das orientações gerais que se encontravam no Alcorão e nos hadiths e que diziam respeito aos distintos domínios que tocavam a gestão da sociedade dos homens.

Ele lembrou, em sua globalidade, dando às vezes precisões sobre determinadas normas ou sobre o espaço das possibilidades em matéria de realização concreta, entretanto sua preocupação primeira era pensar nas etapas que permitiriam ao Egito (e também o mundo muçulmano) e a sua sociedade de reformarem seu interior para reencontrar os caminhos da fidelidade rumo ao Islam, à sua cultura e civilização¹⁰⁴.

Nos escritos e discursos de al Banna uma constante recordação dos princípios islâmicos alimentados, ponderados e pensados no contato com uma realidade cotidiana constantemente estudada e analisada. Ele conhecia perfeitamente suas referências religiosas, mas conhecia não menos perfeitamente o Egito e os egípcios. E tinha a real noção da diferença que existia entre o modelo e a realidade, ele buscará aplicar em seu projeto o princípio do “pensamento a longo prazo”, fixando as etapas de uma reforma que deveria conduzir a uma profunda e real libertação, com a firma recusa de qualquer ação precipitada, violenta ou revolucionária.

“[...] os Irmãos Muçulmanos não usaram da força em uma ação exceto como último recurso, quando não houver outras opções e quando forem persuadidos que atingiram a realização da fé e da união. E se eles devem empregar a força, eles serão dignos e sinceros; eles advertirão previamente e depois esperarão, somente avançarão após com nobreza e orgulho suportando com confiança e calma todas as consequências desta decisão. Quanto à revolução, os Irmãos Muçulmanos não pensam nela; à ela não se referem e não acreditam nem em sua utilidade nem em seus resultados. E se mesmo eles interpelem com franqueza cada governo no Egito, advertindo que, se a situação mude de estado e que as autoridades não pensam em realizar uma reforma premente e em encontrar remédios rápidos para todos esses males, então tudo isso levará, sem a menor de dúvida, à uma revolução que será não obra dos Irmãos Muçulmanos nem de sua mensagem, mas sobretudo a pressão dos acontecimentos, da necessidade das situações e a negligência quanto à aplicação dos remédios. Esses problemas que se tornam mais complexos com o passar dos tempos e exigem cuidados cada dia mais difíceis são uma

¹⁰⁴ Palavra em língua que pode ter dois significados: (حضارة – *hadoorah*), algo construído e em estado de movimento; e (ثقافة – *thaqafah*), cultura. É importante dizermos, que a primeira definição dada a palavra civilização é como muitos reformadores islâmicos, inclusive Hassan al Banna, buscaram caracterizar a civilização islâmica (الحضارة الإسلامية – *al hadoorah al islamiyya*).

somatização que faz eco às nossas advertências: que os salva-vidas sejam, pois, chamados!”¹⁰⁵.

Longe dessa precipitação, apenas *al islahulta al islamiyya* (الإسلامية الإصلاحات)¹⁰⁶ pode conduzir ao sucesso. Esse retorno ao Islam em si, argumentava al Banna, era uma "formidável transformação", porém ela era de outra ordem: o redespertar dos corações e dos laços fraternais, a exigência que conectaria a consciência aos princípios de Deus, a mudança social que essa dinâmica resultava eram, literalmente, revolucionárias porque, acima de tudo, se tratava de substituir uma ordem por outra, de desfazer, no interior, as bases de uma ordem social, política e econômica percebida como imposta, usurpadora e, sobretudo, injusta.

Retornar às fontes da tradição islâmica era dar os meios de ler o real e a realidade social vestidos de suas próprias referências, buscando, a partir de um longo trabalho de adaptação, imprimir sua marca e que era, igualmente, a expressão de uma fé, de uma convicção e de uma concepção do universal.

Trata-se, enfim, segundo Tariq Ramadan, de uma transformação donde o caráter não violento não seria necessariamente apaziguador, em que o que causava problemas não era o emprego ou não da violência, mas a natureza da mudança proposta que, apoiada sobre a referência islâmica, sacudindo a ordem e os privilégios, perturbando as estratégias governamentais e ocidentais de dominação e exigindo, ao mesmo tempo, o respeito pela identidade popular muçulmana, a aplicação da justiça e a liberação de qualquer presença colonial.

A ideia de justiça, aqui, estaria bastante relacionada a justiça social (عدل – *a'dl*), a qual se refere a um Juízo final, em que todos os homens seriam julgados ou prestariam contas dos seus atos. E isto, estaria conectado a noção de um indivíduo responsável (إمرؤ – *Imru-um*), este quando fizesse parte ou pertencesse a um grupo ou comunidade, deveria buscar se esforçar para assegurar que seus

¹⁰⁵ Hassan al Banna. Apud. RAMADAN, Tariq. Op.cit, p 271.

¹⁰⁶ O termo *al islahulta* é oriundo de *islaah* (إصلاح), que significa corrigir, melhorar ou reformar. O melhoramento ou a reforma da conduta islâmica entre os membros que compõem a *ummah* (أمة), em que essa mudança seria realizada nos moldes islâmicos e não que seja uma reforma do Islam, entretanto uma organizada pelo Islam. Diferentemente da ideia de uma revolução abrupta (ثورة – *thawra*): termo que literalmente significa a força grosseira do boi. Uma reforma feita por meio de uma transformação abrupta da ordem política social presente. Por exemplo, o golpe de Estado.

membros vivessem e convivessem em segurança e harmonia e também que seus direitos fossem preservados.

Em síntese, era a criação de um ambiente harmônico e igualitário para todos, um princípio ético islâmico que condicionava todos os âmbitos comunitários do Islam como economia, política, ciência, sociedade, jurisprudência e entre outros. Também direcionou ou orientou diversos movimentos islâmicos contemporâneos desde o final do século XIX, como, os Irmãos Muçulmanos. Em que justiça social não seria apenas um ideal moral, mas sobretudo a força que garante a regeneração material da sociedade e inclusive a correta adoração individual à Deus.

Nos seus anos de juventude, como dizemos, Hassan al Banna observou a sociedade egípcia e pode fazer um diagnóstico profundo de sua situação, suas fraturas e os desequilíbrios que a traspassavam. Muito cedo ele tomou consciência do mal-estar e das tensões em que viviam os egípcios como o resto do mundo muçulmano, divididos entre suas referências islâmicas e o modo de vida ocidental, o que provocava uma crise no campo da autorrepresentação e uma perda de constância em si quase generalizada.

E mesmo se a realidade da presença estrangeira se materializava pela “revelação de Ismailiyya”, a verdadeira colonização parecia se concretizar ao ocupar os espíritos e perturbando os corações do povo egípcio. Se acrescentarmos a isto a constatação que fizera al Banna do desconhecimento e ignorância na qual os muçulmanos tinham dos princípios essenciais de sua religião e os intermináveis conflitos de detalhes que ocupavam suas vidas (com as divisões que as disputas provocavam), e o panorama parece particularmente entristecedor.

Hassan al Banna extrai disto uma conclusão que teve consequências determinantes sobre sua ação futura: o problema dos muçulmanos era antes de tudo um problema interno. Reforçando o sentido de Malik Bennati¹⁰⁷, que assinalava que se os povos muçulmanos haviam sido subjugados, porque eles

¹⁰⁷ Malik Bennabi (1905- 1973) é um filósofo e escritor argelino, o qual analisa as sociedades humanas, particularmente as comunidades muçulmanas, focando os estudos nos motivos da decadência da civilização islâmica. Abordando também conceitos como colonialismo, civilização, dignidade e entre outros.

estavam dispostos a ser e culpava prioritariamente os muçulmanos de serem os responsáveis pelo processo de decadência que eles sofreram: a força da Europa dominante de então, era de ter simplesmente se aproveitado das fragilidades do mundo islâmico.

Além da relação de força, a realidade das fraquezas existia e era necessário enfrentá-la. Al Banna encaminhará sua reflexão à maneira de Muhammad Abduh, a partir do estado da sociedade egípcia e de seu povo: antes de qualquer consideração de natureza política ou estratégica, seria nesse nível, o popular, que ele procurava encadear as falhas e buscava encontrar uma solução para eles.

Ora, os desequilíbrios eram perceptíveis no plano individual: eles se chamavam ignorância, mal-estar na definição de si próprio, perda dos referenciais, comportamento inadequado. É nesse âmbito, prioritariamente, que era preciso intervir, já que aí se situava o coração de todas as fragilidades do mundo muçulmano. Assim, "renascer" seria se reencontrar e redescobrir os caminhos da fonte: o despertar, aqui, necessitava e exigia uma educação dos corações e dos espíritos humanos.

Logo, importante ressaltarmos que a palavra educação é chave para compreendermos o projeto de reforma dos Irmãos Muçulmanos. Hassan al Banna, desde sua chegada a Ismailiyya em 1927, tinha começado a se endereçar à uma população indiscriminada nos cafés ou então nas reuniões. Rapidamente se formou um grupo e ele estabeleceu, na prática, um programa de educação do tipo progressivo, tratando primeiramente de elementos fundamentais da fé e do exercício da adoração.

Em todo caso, reencontramos essa vontade primeira de desenvolvimento em etapas, respeitando os ritmos: isto se verificava no nível individual e ainda mais claro em relação à sociedade em seu conjunto. É, pois, quando Hassan al Banna se deu conta no meio dessa fórmula frequentemente repetida: *“Nós queremos o indivíduo muçulmano, depois a família muçulmana, depois o povo muçulmano”*. Nas palavras de al Banna:

“O programa dos Irmãos Muçulmanos é constituído de etapas perfeitamente circunscritas e claramente definidas. Nós sabemos claramente o que nós queremos e quais são os meios pelos quais devemos usar para alcançá-las:

- *Nós queremos inicialmente o ser humano muçulmano nos seus pensamentos e em sua fé, em sua moralidade e seus sentimentos, na sua ação e suas condutas. Tal é nossa formação individual.*
- *Nós queremos, após isso, a família muçulmana nos seus pensamentos e sua fé, na sua moralidade e seus sentimentos, na sua ação e suas condutas e nós pensamos tanto na mulher quanto no homem. Nós pensamos igualmente nas crianças pequenas como nos adolescentes. Tal é nossa formação familiar.*
- *Nós queremos, após isso, o povo muçulmano nestes mesmos domínios e é porque nós procuramos que nossa mensagem chegue ao interior de todas as residências, que nossa voz seja ouvida em todo lugar, e que nosso pensamento se expanda e se invista sobre as regiões, os vilarejos, as cidades, as capitais regionais, as capitais e as metrópoles”¹⁰⁸.*

Nesse sentido é possível percebermos o pensamento da etapas, o que marcaria profundamente a ação dos Irmãos Muçulmanos:

“O objetivo dos Irmãos se resume à formação de uma nova geração dentre as pessoas que creem nos ensinamentos do Islam autêntico; esta geração age com o objetivo de impregnar a comunidade com as cores do Islam em todos os domínios da existência. Seus meios para tal são essencialmente a mudanças dos hábitos e dos costumes generalizados e a educação dos partidários à luz destes princípios afim de que eles tornem-se modelos para os outros quanto às suas fidelidade e determinação em respeitá-los e ao abandono à sua sabedoria”¹⁰⁹.

Nesse vasto projeto, de muito longo prazo, que al Banna propunha uma reforma interior e profunda, que poderia ser uma solução às fraquezas e às feridas que minavam a sociedade egípcia e que podiam permitir a essa última, e junto com ela o mundo muçulmano, de completar um verdadeiro renascer a partir de uma verdadeira reforma.

Como dito anteriormente, essa reforma era intensamente caracterizada por uma educação espiritual e qual era baseada numa diária e íntima aproximação do homem com Deus, por meio da leitura constante das referências islâmicas, o

¹⁰⁸ Hassan al Banna. Apud. RAMADAN, Tariq. Op.cit, p 282.

¹⁰⁹ Idem, p 282.

Alcorão e os hadiths. Assim, podemos dizer que se tratava de uma purificação dos corações humanos corrompidos pelas tentações e paixões mundanas. E essa purificação era o primeiro fundamento de todos os ensinamentos de Hassan al Banna, o qual falava tanto ao povo como aos universitários, aos intelectuais como aos responsáveis políticos: se os egípcios são majoritariamente muçulmanos, então cada muçulmano dentre eles deveria poder viver essa transformação interior da fé viva.

Al Banna relembra permanentemente que o Islam era, inicialmente, uma mensagem destinada aos corações. Uma compreensão profunda do sentido dessa afirmação era sozinha capaz de realizar, no início em pequena escala e depois no nível da sociedade em conjunto, a verdadeira união dos muçulmanos. Desse modo, se aproximar de Deus era no temor e no amor e isto deveria necessariamente se traduzir por uma influência no coração, expressada na vida cotidiana dos homens e levada junto aos seus semelhantes.

Omitir essa dimensão na análise da concepção e do programa educativo de Hassan al Banna, de acordo com Tariq Ramadan, seria amputar de seu fundamento religioso e afetivo que era entretanto essencial aos seus olhos: é infelizmente o que fizeram numerosos estudiosos, no Oriente como no Ocidente, quando eles queriam disso se dar conta. Educar, no sentido proposto pelo reformador islâmico era:

“A essência de sua mensagem [dos Irmãos Muçulmanos] é um pensamento e uma fé que eles endereçam aos corações dos homens com o intuito de educar a opinião pública afim que os corações acreditem e que este pensamento e essa fé unam as almas”¹¹⁰.

Hassan al Banna não parava de incentivar os laços fraternais entre os muçulmanos, ele clamava à irmandade humana e nesse âmbito ele argumentava que a educação, especialmente espiritual, deveria também abordar os elementos do culto afim que cada um os pratique em seu melhor. Não se tratava apenas de

¹¹⁰ Hassan al Banna *Nossa mensagem em novo nível (Da'watuna fi tawrin jadid)* IN *Six tracts of Hasan al Bana, a selection from the Majmu'at Rasa'il al Iman al Shahid Hasan al Banna*. Op. cit, p 240.

realizar a oração, de jejuar ou peregrinar, etc; mas a partir da ideia de universalidade do Islam, na qual tanta vezes al Banna retornou, a formação deveria tocar um vasto leque de questões, tanto da teologia quanto da gestão das finanças privadas, do comportamento em família ou sociedade, ou ainda da reflexão dos assuntos da atualidade.

Portanto deveria se pôr em prática, em uma pequena escala, a compreensão de um Islam aberto sobre o mundo, relacionado à todas as esferas da existência. Com o exercício das obrigações religiosas, o indivíduo devia tomar consciência das implicações de suas ações que deviam, daqui em diante, ser nutridas pelos ensinamentos islâmicos: disciplina pessoal exigindo um comportamento moral em todos os níveis, necessidade de se formar intelectualmente e de adquirir um trabalho, de constituir uma família cuidando para preservar a atmosfera de espiritualidade, de moralidade, de respeito e de confiança (que exigissem a relação entre o homem e a mulher e a educação equilibrada das crianças), engajamento social positivo fundado no respeito ao outro, na solidariedade e na troca.

Em suma, educar-se islamicamente consistia se dar conta do conjunto desses domínios, se tratava de uma formação religiosa no sentido em que al Banna compreendia a educação não apenas na dimensão cultural: se tratava de despertar o coração para a fé, de vivificar a consciência dos princípios, de aprofundar a inteligência do mundo e dos seres, de orientar a ação familiar, social e política.

E ainda, difundir os ensinamentos islâmicos era algo que Hassan al Banna não cansava de fazer em suas viagens, encontros e deslocamentos. Em cada um de seus descansos, ele ia para as cidades e aldeias e se dirigia à população, ministrava cursos, distribuía conselhos, encontrava os responsáveis locais. Significava, para ele, fazer ouvir uma nova voz, assim, difundindo um modo original de dizer e apresentar o Islam.

Al Banna, de acordo com Tariq Ramadan, frequentemente dizia que o Islam tal como o compreendíamos, não tinha nada de novo e que ele era aquele da primeira vez quando surgido; contudo, os séculos de esquecimento, as influências

exteriores, a negligência e a preguiça tinham pervertido as inteligências e a compreensão e, ao cabo, abafado essa voz, a voz da fidelidade aos ensinamentos islâmicos. Impossível, pois, bem conduzir a reforma sem despertar nos corações e as inteligências a antiga lembrança da autêntica mensagem islâmica.

Desse modo, seguindo al Afghani, Rashid Ridda e entre outros reformadores, al Banna criou jornais e revistas que abordassem temas islâmicos; o despertar das mentes e corações dos homens; a prática da fé; etc. Ao mesmo tempo organizava, estrutura e oficializava cursos públicos no exterior das mesquitas que, uma vez tornados encontros semanais, se apresentavam como uma tribuna aberta endereçada ao povo egípcio.

Além da criação de escolas; aulas (que tratassem de Deus, da Criação, da espiritualidade islâmica, da purificação do coração, do Alcorão, dos hadiths, da vida dos profetas, dos personagens da história muçulmana, etc); construções de mesquitas (estas deveriam ser vistas e utilizadas como local de oração, de reunião, mas também espaço de conferências, de meio de informar que educar o povo. A mesquita, segundo al Banna, tinha que reencontrar sua função primeira, sua função de outrora, que era a de ser um lugar de ensinamentos, de vida, de encontro e de organização comunitária e não somente um local de culto).

Enfim, esse trabalho de difusão constituiu o essencial da preocupação do reformador islâmico, o qual buscou preparar os espíritos para compreender e aderir ao seu projeto de formar indivíduos muçulmanos, afim de em seguida engajá-los a apoiar a realização concreta e progressiva nos planos social, político e econômico.

3.4 Um método educativo islâmico

Hassan al Banna partindo da mesma constatação de Muhammad Abduh no que concerne a prioridade da educação irá, após ter integrado a ideia de Rashid Ridda de criação de um órgão estruturado para realizar a reforma, distinguir dois campos de ação. Ele teve inicialmente um plano interno para a organização na qual, no meio de um programa progressivo e de uma avaliação de performance, os

membros comprometidos, homens e mulheres, deviam se formar espiritualmente, religiosamente, intelectualmente e fisicamente, com exigência e disciplina, afim de se tornarem modelos de compreensão do Islam e de comportamento. Sua formação de território devia lhe permitir desenvolver uma inteligência de seu contexto e que se traduzia por ações locais adequadas, circunstanciadas e direcionadas a aplicação dos ensinamentos islâmicos.

Outro plano dizia respeito à educação popular e o ensino que, endereçado ao conjunto da sociedade, e elaborado nesse sentido, tem por função difundir uma compreensão do Islam, uma instrução de base para todos, procurando por todos os meios despertar, localmente, a “consciência participativa” e, a nível nacional, a “maturidade política”: os dois deveriam permitir o nascimento, sem violência e a longo prazo, de uma opinião pública capaz de tomar seu destino nas mãos.

Em outras palavras uma educação espiritual e intelectual e também uma preparação física dos indivíduos muçulmanos, tanto homens e mulheres, e prioritariamente jovens. Tornando-os interpretes de seu contexto, fazendo os capazes de diagnosticar os problemas políticos e sociais locais e propostas de possíveis soluções.

Nesse âmbito, al Banna fez algumas considerações baseadas na formulação de um método educacional, este ocorreria por meio de uma tríade de influências fundamentais no desenvolvimento sadio do ser humano. Estas seriam: a casa; a escola e o ambiente, nessa ordem de importância.

A primeira, a casa ou lar era aonde acontecia o primeiro contato da criança com uma figura que irá exercer influências, principalmente intelectuais e espirituais no seu aperfeiçoamento como indivíduo consciente de suas responsabilidades de ser humano no mundo. Esta pessoa seria a mãe, a qual por atuar nesse papel social educacional, segundo al Banna, devia ser preparada intelectualmente e religiosamente para tal finalidade. Logo, a sociedade, onde se encontrava essa mãe, devia proporcionar condições sociais, políticas e culturais para a mesma ter capacidades de exercê-lo. Tornando possível para ela adquirir conhecimentos nos distintos campos do saber como o cuidado com a saúde, psicologia, moral, ética, valores islâmicos, administração do lar e entre outros.

Estes eram considerados essenciais pelo intelectual islâmico, o que iria de contra a educação vigente de seu tempo. Esta educação priorizava áreas do conhecimento que al Banna tinha como eletivas ou complementares, tais como a música, artes, línguas, culinária, bordado e costura e assim por diante.

Ainda no contexto do ambiente familiar, Hassan al Banna destacou o lado psicológico em que os filhos tendiam a lançar um olhar com o objetivo de imitar os pais. Estes se tornavam exemplos práticos daquilo que buscavam ensinar aos seus filhos. E também era enfatizado pelo intelectual islâmico a vivência social do jovem, com isso os pais deviam apresentar aos seus filhos uma iniciação religiosa, descrever os personagens que tiveram destaque na história islâmica, levá-los a mesquita, ensiná-los a temer a Deus, contar as histórias e delas tirar as possíveis lições.

É importante ressaltarmos, que al Banna colocou a influência do lar sendo primordial, por conta da criança ter uma mente maleável e esponjosa, portanto todas as coisas ensinadas se tornariam pilares para desenvolvimento do futuro indivíduo responsável.

A segunda influência, a escola, a qual era um agente de mais amplo efeito na vida da criança, por ser, onde a criança aluna permaneceria por um grande período de sua formação intelectual. A escola também, abarcava o ensino e a cultura científica, por isso se tornava obrigatório redirecionar o ensino para que se pudesse alcançar o objetivo de orientação almejado por al Banna. Para ele, existiam dois pontos inseparáveis que compunham a instituição de ensino, seriam eles:

- metodologia de ensino, que poderia ser comparado ao alimento racional do aluno.
- a tarefa do professor ou educador de construir a ponte entre o aluno e o conhecimento.

Para possibilitar tal redirecionamento devia-se dar atenção plena a esses dois pontos. Com relação ao papel do professor, existiam diversos mecanismos, o mais fácil e acessível era solicitar ao Ministério da Educação uma atenção especial a metodologia nas instituições formadoras de professores. Tornando-as

ricas em disciplinas religiosas, história islâmica, filosofia das crenças e nuances da legislação e dentre outras. Além disso, cabia as associações dos jovens muçulmanos auxiliar através de aulas noturnas e também cursos nas férias de verão, ministrados por especialistas nos conteúdos anteriormente citados, para que professores e estudantes de magistério pudessem aprender e se atualizar.

De acordo com Hassan al Banna, havia um outro mecanismo, considerado mais difícil, por sobrepassar obstáculos, já que necessitaria de meios provenientes das associações de jovens muçulmanos, para construção de novas escolas que formassem professores de religião, moral e língua árabe.

Esses obstáculos seriam os poucos recursos financeiros e o não reconhecimento por parte de autoridades governamentais. O que faria com que a atuação desses professores restringisse as escolas das associações dos jovens muçulmanos nas suas mais distintas formas. Não havendo expansão e ampliação de seus trabalhos. A não ser que se criasse as ações missionárias de divulgação e reprodução do ensino proposto.

Nesse sentido, é interessante observarmos que al Banna dialogou com o Ocidente, pois exemplificou como isso ocorreu no mundo cristão com a atuação dos jesuítas na divulgação dos valores católicos e que garantiu melhor apoio ao papa, a partir da criação de escolas religiosas nos diversos níveis de ensino. E ainda o intelectual islâmico acrescentou que, com isso, os jesuítas se separaram de todo sistema educacional vigente até então, construindo um sistema de método próprio, a formar professores capacitados em aplicar o ensinamento de princípios católicos.

Dentro do contexto de construção de instituições educacionais por associações de jovens muçulmanos, vale recordarmos, que para al Banna, na escola ideal o aspecto mundano era também levado em consideração. Portanto seriam ministradas aulas tradicionais e técnicas para o desenvolvimento de uma vida de sucesso em todos sentidos, fossem eles humanos ou espirituais.

A terceira e última influência, estaria relacionada ao universo de sociabilidade. Ambiente que pode ser dividido em três aspectos: os irmãos e amigos, os clubes e os lugares em gerais e as festas religiosas.

À respeito dos irmãos e amigos, os pais deviam orientar seus filhos, especialmente na juventude, a buscar as boas companhias e demonstrar o perigo das más companhias. Esses precisam ser instruídos com palestras e programas de televisão e rádio que oferecessem ferramentas de como realizar tal orientação.

Nos clubes e locais de encontro sociais em geral, de acordo com Hassan al Banna, tinham grande influência sobre os jovens, por isso estes deviam ser encaminhados aos lugares de boa moralidade e religiosidade. Afastando-os dos espaços, considerados por eles, de depravação e pouca moral da época. Por exemplo, teatros que debochavam e insultavam a integridade das pessoas, princípios, costumes e entre outros; danceterias e cafés considerados "ímorais" e assim por diante.

Por isso, associações como organizações de jovens muçulmanos eram de extrema importância, conforme o pensamento de al Banna, pois reuniam os jovens, fazendo-os conviver uns com os outros, além de ter oportunidade de orientá-los a prática da conduta "honrosa", a partir de palestras, sermões aulas e entre outras formas. Possibilitando-os a vivência de um ambiente marcado por princípios sociais, morais e culturais islâmicos.

O último aspecto referido pelo intelectual islâmico em relação ao ambiente eram as festas religiosas. Por exemplo, a oração de sexta-feira, as festas de fim do mês de jejum e do sacrifício, a comemoração de fim de ano, o episódio da fuga de Meca feita para Medina realizada pelos muçulmanos nos primeiros anos da histórica islâmica, o nascimento do profeta Muhammad e entre outras.

Estas eram consideradas por Hassan al Banna momentos em que se devia incentivar os jovens e seus pais a participarem das mesmas e confraternizarem com as outras pessoas. E ainda acrescentou que essas festas religiosas deviam ser celebradas nas instituições islâmicas sérias e de boa conduta e não nas que se utilizavam o nome da religião em benefício próprio.

Entretanto, no Islam existem somente duas celebrações as festas do fim do mês do jejum e do sacrifício, além da oração de sexta-feira. Mas, al Banna percebeu esses encontros de festividade como momentos a serem estrategicamente aproveitados para orientar os muçulmanos ao retorno da prática dos princípios

políticos, sociais, morais e culturais islâmicos fundamentados no Alcorão e dos hadiths, porque era nesses períodos que se reuniam o maior número de crentes, os quais deviam ser orientados. Em síntese, é uma estratégia de ensino e divulgação da filosofia de vida islâmica.

Enfim, Hassan al Banna juntamente com os Irmãos Muçulmanos propunha um projeto de educação capaz de formar indivíduos autônomos e sadios e que teve por objetivo conscientizar a população e de lhe permitir desempenhar um papel no plano social e político. Educar e instruir as pessoas do povo (religião, alfabetização, cultura geral) e desenvolver uma consciência política popular, de acordo com al Banna, era o melhor meio para combater a ignorância instalada e também a dominação e influência da cultura ocidental. E de criar um front de resistência à colonização dos espíritos pelos valores vindos do estrangeiro e/ou impostos por ele.

Após analisarmos os pensamentos (especialmente seu projeto de curar os corações debilitados dos indivíduos muçulmanos, a partir da reeducação destes em relação ao entendimento e prática do Islam), abordaremos algumas críticas feitas ao intelectual islâmico.